

Sacenco Kornijezuk, Nádia Bandeira, "Projeto de turismo de base comunitária Tartaruga Imbricata, Brasil / Guiana Francesa", *Confins. Revue Franco-Brésilienne de Géographie*, Núm. 14, Francia / Brasil, marzo de 2012.

Consultado en:

<http://confins.revues.org/7491>

Fecha de consulta: 06/03/2015.



Afficher l'image

Crédits : <http://biogalera.wordpress.com/2010/11/08/primeiro-registro-de-nidificacao-de-eretmochelys-imbricata-e-lepidochelys-olivacea-no-delta-do-parnaiba-piaui/>

A IIa Experimentação de turismo Tartaruga Imbricata (T.I.), realizada numa parceria entre o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, o Parque Nacional do Cabo Orange (PNCO), a empresa guianense de turismo Yatoutatou, a empresa de desenvolvimento pessoal francesa Iris Partenaire e comunitários de Vila Velha do Cassiporé aconteceu de 07 à 15 de novembro de 2009 numa rota integrada Brasil / Guiana Francesa.

2 Esta síntese de trabalho de campo constitui-se de uma descrição da experimentação de turismo. As observações, opiniões, críticas e sugestões presentes neste documento são responsabilidade exclusiva da autora, e foram baseadas na observação in situ e entrevistas semi-estruturadas gravadas e/ou registradas em diário de campo.

Imagem 1 – Fotografia: Hora da Merenda - Escola de Primeiro do Cassiporé



Nov.2009 – Jean Christoph Vermeisch

3 De acordo com Hérítier e Laslaz (2008), parques nacionais não são sustentáveis se as populações locais não os legitimam. As experimentações do Projeto de Turismo de Base Comunitária Tartaruga Imbricata têm sido, ao que me parece, uma tentativa de legitimação do parque frente às populações que habitam suas fronteiras. A presente síntese de trabalho de campo pretende, portanto, analisar diferentes abordagens para lidar com os resultados da experimentação, pesquisando o alcance de um melhor entendimento entre os diversos atores sociais e a efetividade de sua participação.

4 A experimentação de turismo aqui analisada ocorreu simultaneamente a um seminário com caráter terapêutico, de Veronique Palmieril e da empresa Iris Partenaire, que organizaram o seminário para gestores “Descobrir-se em terra desconhecida”, dentro do barco que percorreria o Brasil e a Guiana Francesa.

5 A empresa Iris Partenaire solicitou aos participantes franceses que se vacinassem contra a febre amarela, esclarecendo que deveriam apresentar boa condição física e capacidade de viver em condições materiais rudimentares. A adesão de cada um custou 1800 € (incluindo a viagem Paris / Cayenne, o transporte para o Parque Nacional do Cabo Orange, os traslados aeroporto / Roura, três noites de hotel em Caiena (sábado 7, domingo 8 e sexta-

feira 13 de novembro de 2009), os traslados de barco e canoa e os dias passados no Parque Nacional do Cabo Orange (seis

6 ao todo). A experiência duraria nove dias.

7 De acordo com a sra. Palmieri, sua idéia era permitir que os visitantes conhecessem o dia – a – dia no parque:

”Só assim eles poderão compartilhar outras vidas, artesanato, tradições e problemas diários, além de permitir algum aporte financeiro para a comunidade, dividir saberes e criar laços, permitindo o intercâmbio de know-how entre os visitantes e práticas de construção local. Além disso, para o PARNA Cabo Orange isso significa uma maior presença, aumenta a vigilância e proteção e envolve mais fortemente a população local, e para a Yatoutatou significa encontrar e testar um nicho de desenvolvimento novo e gratificante no campo do desenvolvimento sustentável e do turismo ecológico.”<sup>2</sup>

### **Objetivo da síntese de trabalho de campo**

8 O objetivo desta síntese de trabalho de campo é realizar uma avaliação preliminar da II Experimentação de Turismo Tartaruga Imbricata. Participei dessa experiência<sup>3</sup> com três funções distintas: como integrante do seminário *Se découvrir en terre inconnue*<sup>4</sup>; como representante do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília com a função de observadora e como tradutora/ intérprete dos idiomas francês e português para os turistas. As observações contidas na presente síntese de trabalho de campo expressam, portanto, impressões colhidas em cada uma das funções para as quais fui designada. Sendo importante esclarecer que a participação no Seminário *Se découvrir en terre inconnue* tinha como exigência dos organizadores a minha presença em todas as sessões, desde o primeiro até o último dia da experimentação.

- 04 representantes da empresa Yatoutatou (franceses)
- 06 representantes do Parque Nacional do Cabo Orange (01 analista ambiental,

- 04 guardas - parque e 01 barqueiro)
- 06 turistas franceses metropolitanos
- 01 representante do CDS- UnB
- 01 terapeuta
- 01 cameraman, contratado pela empresa Yatoutatou para fazer um vídeo sobre a viagem.

## **A experimentação**

### **Dia 01**

9 Parti de Brasília em direção a Caiena, onde encontraria os turistas vindos da França. Antes de cruzar a fronteira, na cidade de Oiapoque, o analista do ICM-Bio Ivan Vasconcelos me recepcionou e me acompanhou até a imigração francesa, na cidade de St. Georges de Oyapock. Em Caiena, encontrei o grupo de turistas e expliquei algumas regras sobre o PARNA Cabo Orange, como a proibição de bebidas alcoólicas dentro do parque, a culinária brasileira e também algumas palavras úteis em português (“obrigado”, “por favor”, “preciso de remédios”...). Uma representante da empresa Yatoutatou nos levou até Roura, onde fica a sede da empresa. Após sermos apresentados aos representantes da Yatoutatou e à Veronique Palmieri, realizamos a sessão de apresentação pessoal e conhecimento de procedimentos básicos de segurança e de comportamento no seminário, que deveríamos seguir durante toda a experimentação. Voltamos para dormir no hotel.

### **Dia 02**

10 Passamos o dia na cidade guianense de Roura, na aldeia dos Kalipur e na vila de Cacao. A natureza de floresta bem conservada, apreciada em passeios de catraia, e a aldeia dos Kalipur foram os pontos mais comentados pelos turistas, especialmente a “falta de perspectiva de alguns indígenas, que se encontravam bêbados às dez horas da manhã”, nas palavras de um deles. Apesar disso, todos observaram atentamente a aldeia, as histórias tradicionais contadas por mulheres e conheceram o artesanato indígena.

Imagem 2 – Fotografia: Parada na aldeia guianense Kalipur



Nov.2009 – Jean Christoph Vermeisch

### **Dia 03**

11 Partimos 08:00 da manhã para St. Georges de Oyapock . Fizemos uma parada em Régina para conhecer o Museu Regional L'Eco-musée de l'Approuague à Régina, que foi entusiasticamente elogiado pelo grupo. E em seguida viemos para o Brasil.

12 A travessia Guiana Francesa/Brasil transcorreu na duração prevista de aproximadamente seis minutos, em catraias alugadas. Ao chegarmos em território brasileiro, almoçamos e os turistas carimbaram seus passaportes na Polícia Federal. Os turistas mostraram-se positivamente impressionados com a cidade brasileira de Oiapoque, e comentaram efusivamente a diferença de convivialidade entre o Brasil e a Guiana. Foi interessante, visto que as cidades fronteiriças no Brasil são conhecidas muito mais por sua violência e falta de estrutura. À tarde fizemos um passeio no lago Maruani, onde aconteceu um banho de lago. Todos elogiaram o momento, entusiasticamente, devido ao calor.

13 Em seguida pudemos descansar na pousada. À noite ocorreu uma sessão do Seminário Se découvrir en terre inconnue, com a duração de três horas. O grupo estava coeso e disposto.

Dia 04

14 Partimos 08:00 da manhã para o PARNA Cabo Orange, em táxis (caminhões D-20) que nos levaram para a Vila de Primeiro do Cassiporé, que faz divisa com o parque. No trajeto Oiapoque/ Vila de Primeiro do Cassiporé eu tive que acalmar os turistas, que tinham medo da estrada e do motorista, que aparentemente dirigia rápido demais para os padrões franceses. A chegada na Vila causou visível alegria aos turistas, que mostraram particular interesse em conhecer a escola classe e os alunos.

15 Além dos agradáveis momentos ao lado das crianças, os turistas contaram ter apreciado conhecer o berçário de tartarugas, parte do projeto “Quelônios do Cassiporé”, parceira do PARNA Cabo Orange com moradores da Vila Velha e Primeiro do Cassiporé. Foi também muito apreciada a descida do rio em botes infláveis, que marcou o início da viagem à próxima parada, a Vila Velha do Cassiporé.

16 A descida do rio Cassiporé continuou em voadeiras (os botes infláveis foram deixados com o povoado de Primeiro, especialmente com as crianças, que tornaram-se “fiéis depositários” da empresa Yatoutatou e anunciaram que a partir dali usariam os botes em animadas competições escolares). Próximo da Vila Velha do Cassiporé encontramos o barco “Peixe - Boi” do PARNA Cabo Orange. A partir daquele momento esse barco se tornaria hotel, meio de transporte, refeitório e palco de intensas sessões do seminário “Se découvrir en terre inconnue”.

17 Imagem 3 – fotografia: O barco Peixe - Boi



Nov. 2009 – fotografia da autora

18 Nessa mesma noite foi realizada uma sessão do seminário dentro do barco, com a leitura de um texto pela facilitadora, seguida de uma interpretação dramatizada pelos turistas. Na sequência, houve a interpretação da dramatização de cada um. O grupo continuava coeso e unido, apesar de um pouco mais introspectivo. Essa mudança foi provavelmente causada pela terapia em si e pela influência do lócus físico. Nas palavras de um dos turistas, era consequência das “vitaminas do ar da floresta”.

Dia 05

19 O dia começou com a visita à Vila Velha do Cassiporé. Inicialmente conhecemos uma casa local e vimos o modo como eles produzem a barra de cacau, atividade típica de Vila Velha. Depois seguimos para a escola estadual Vila Velha, onde conversamos com a diretora, Jocilene Silva, e com alguns professores, especialmente a professora de francês.

20 Em seguida, dirigimo-nos à área de incubação de ovos do projeto “Quelônios do Cassiporé”, localizado na casa do Sr. Bené. Mais uma vez pude presenciar a emoção dos turistas que me pediam detalhadas traduções sobre o processo de incubação dos ovos e tratamento de pequenas tartarugas, além da satisfação do Sr. Bené.

21 Em Vila Velha, algumas pessoas da comunidade preparam um excelente e colorido almoço para receber os turistas, com pratos típicos da região (peixe, maxixe, vários sucos (taperebá, cupuaçu, caju, licor de açaí, melancia..). O almoço foi feito por quatro mulheres

da comunidade e financiado pelo Parque e a empresa Yatoutatou. Como sobremesa e como lembrança da Vila, foram oferecidos bombons feitos com o cacau da região.

22 Foi realizada uma reunião com comunitários, na parte da tarde, para tratar de assuntos de logística, com a presença do analista Ivan Vasconcelos, desta que escreve (na função de tradutora) e do representante da empresa Yatoutatou, Bruno Soligon. Bruno expressou sua vontade de continuar o projeto Tartaruga Imbricata e solicitou aos comunitários que escrevessem suas impressões sobre o projeto.

Dia 06

23 Dormimos à bordo do barco Peixe - Boi, e logo cedo uma sessão de terapia. As atividades físicas do dia foram iniciadas com uma caminhada na trilha do Lago do Bacabal, que foi marcante para o grupo. Os turistas diziam estar ansiosos por reflexões, contato com a natureza, troca de cultura entre guias que animadamente falavam sobre a serventia das folhas, os nomes das árvores e encantavam com seus dons de comunicação, muitas vezes representando cenas para que os turistas entendessem o que eles queriam contar. Era uma natureza muita intensa, floresta fechada que muitos nunca haviam visto e as tais “vitaminas da floresta” pareciam estar funcionando. De repente, vimos os rostos dos guias ficarem preocupados, eles gritavam para que subíssemos nas árvores, e assim o fizemos, não sem alguma dificuldade. O fato é que havia porcos selvagens no caminho, eu não os vi, mas ouvi seus dentes rangendo. Passado o fato, disseram que havia 50 porcos, outros disseram que havia 150, ouvi até que 300 porcos poderiam ter nos atacado. Eu tive medo, mas estranhamento os turistas não. Pelo menos eles disseram que não, falaram até que gostaram da emoção.

24 Ao chegarmos à lagoa do Bacabal, paramos para dar voltas de montaria (pequenas embarcações feitas de madeira), e pudemos avistar os jacarés da lagoa (mais uma vez eu tive medo, mas os turistas pareciam apreciar a “adrenalina”). Várias paradas foram feitas também no caminho de volta, com explicação do analista ambiental, dos guardas – parque e de crianças (guias) sobre o meio ambiente.

25 Após o almoço no barco Peixe-Boi, visitamos uma casa de farinha. O processo de feição da farinha foi contado aos turistas com muitos detalhes, desde a plantação da mandioca até o produto final, incluindo os vários tipos de farinhas que podem ser feitos.

Dia 07

26 Diadoretorno à Guiana Francesa. Quando o Peixe - Boi encontrou Papi- Jo (o barco da empresa Yatoutatou, o nome é homenagem ao avô de Bruno Soligon) mudamos de embarcação e voltamos à Guiana Francesa.

27 No caminho paramos para apreciar a Île du Connétable, que abriga diversas espécies de aves. Por alguns momentos os representantes da Yatoutatou nos contaram detalhes dessa ilha, que já foi palco de diversas disputas internacionais e pertence à França desde 1856.

28 À noite, após um momento de descanso, fomos convidados para um jantar cultural na casa da consulesa brasileira na França, Sra. Ana Lélia Beltrame. O grupo considerou este momento o grand finale, pois todos pudemos passar uma noite muito agradável ouvindo música brasileira, aproveitando a coincidência da presença do grupo gaúcho Pandorga da Lua na Guiana Francesa, devido às comemorações do ano do Brasil na França.

Dia 08

29 Despedida – último dia na Guiana Francesa: os turistas foram para a Europa, os representantes da Yatoutatou seguiram para Roura e eu voltei para o Brasil. Véronique Palmieri quis que este último dia fosse de avaliação do seminário (a não ser por um almoço de comemoração que, por votação, aconteceu em um restaurante brasileiro em Caiena). Cada participante relatou sua opinião sobre a viagem, a estrutura, o seminário e as pessoas. No tópico “Conclusões e recomendações para as próximas viagens”, a seguir, eu faço uma análise sobre algumas opiniões expressadas (no caso, somente sobre as quais não foi exigido sigilo terapêutico).

## **Conclusões e recomendações para as próximas viagens:**

30 De forma geral a experimentação mostrou resultado positivo: a quebra do medo da “natureza selvagem”, a sucessão de cenários, o conhecimento da vida simples dos comunitários, a receptividade desses comunitários, tudo isso mostrou um ambiente favorável à inclusão de um roteiro turístico nessa região. Os turistas mostraram-se alegres e motivados; não adoeceram, nem mesmo os pernilongos (ou carapanãs) incomodaram, pois eles estavam muito bem equipados com mangas compridas e repelentes, graças à preparação e à orientação que tiveram. Os comunitários se mostraram dispostos e motivados em ajudar.

31 Para as próximas vezes, o ideal seria que pudéssemos contar com mais informações sobre o Parque Nacional do Cabo Orange e a destinação adequada para os resíduos. A divisão do trabalho também deve ser melhor equacionada: tanto o analista ambiental do parque, quanto os representantes da Yatoutatou e alguns comunitários estiveram visivelmente assoberbados em momentos específicos da viagem. Para solucionar isto o ideal seria contratar mais pessoas para ajudar, visto que quatro entre os seis turistas disseram que teriam pago mais que 1800 euros para participar da experimentação.

32 Um momento de desencontro aconteceu no primeiro dia em Vila Velha do Cassiporé: fomos jantar no barco Peixe-Boi, esperando que na volta pudéssemos encontrar novamente alguns comunitários, que haviam se prontificado a nos contar algumas histórias sobre o modo tradicional de vida do homem ribeirinho. Porém, quando conseguimos voltar à Vila, já estava tarde e a maioria das pessoas havia ido dormir, restando apenas um morador da região, Sr. Procópio, que ainda contou algumas histórias regionais, apesar do cansaço geral.

33 As questões complexas sobre a logística da viagem, como o cumprimento dos horários das marés, a capacidade da lancha Papi-Jo e a do Barco Peixe-Boi parecem estar plenamente organizadas pelo Parque Nacional do Cabo Orange, pelos comunitários e pela empresa. A viagem foi muito bem planejada e sempre conseguimos chegar aos nossos

destinos, mesmo considerando-se que a estação era seca e havia vazantes no rio Cassiporé. O perfil dos turistas escolhidos também foi adequado: eles foram informados que encontrariam um ambiente natural, pouco conforto material e oportunidade de conhecer comunidades, e aproveitaram esses aspectos com muita boa vontade e respeito. Não houve um sequer incidente de desrespeito ou briga, tanto da parte dos comunitários entrevistados quanto da parte dos turistas.

34 O grupo do Parque Nacional do Cabo Orange e o grupo da empresa Yatoutatou mostraram-se profissionais atentos e solícitos, fazendo, muitas vezes, “milagres” de comunicação, numa língua híbrida entre o francês e o português.

35 O projeto Tartaruga Imbricata poderia vir a impulsionar a atividade turística na região, contribuindo para o desenvolvimento da organização comunitária bem como estimulando o uso sustentável do território. Mas o ideal, entretanto, é que houvesse mais recursos humanos e materiais associados ao projeto. É necessário que sejam criadas estruturas de recepção mais confortáveis e que haja mais informação sobre o projeto Quelônios do Cassiporé, sobre a comunidade e sua história. A comercialização do artesanato da região também deve ser estimulada pelo projeto.

36 Existe uma tendência mundial de redirecionamento estratégico dos parques, tanto em nível top-down como bottom-up, para a adoção de estratégias de governança concertada. (UICN, 2009). Acordos, Termos de Conduta e Conselhos Gestores têm determinados novos apoios ou restrições, que terminam por causar grande impacto na conservação in situ. O caso do Parque Nacional do Cabo Orange conta com uma vantagem: tanto os colaboradores do PARNA quanto os representantes da empresa quanto os comunitários afirmam desejar o turismo de base comunitária e o apoiar de maneira séria, comprometida e eficiente. De acordo com a Yatoutatou, a “receita de sucesso” só parece esbarrar na quantidade de recursos humanos: o Parque Nacional do Cabo Orange conta somente com um chefe e dois analistas; a própria Yatoutatou têm três colaboradores além do chefe e os comunitários, apesar de demonstrarem sorrisos constantes, pareciam ter trabalhado um pouco “além da conta”.

37 Uma impressão bastante generalizada entre os participantes foi a singularidade da região, do ponto de vista cultural. De acordo com Carneiro (1998), a continuidade temporal das comunidades distantes geograficamente de centros urbanos denota reprodução de tradições locais mesmo frente à pressão da indústria, do turismo e da tecnologia. Apesar da Vila Velha do Cassiporé apresentar essa característica, seu patrimônio material e imaterial não tem sido preservado. A construção de um pequeno eco-museu seria ideal para iniciar esse processo de valorização, algo que contasse a história da comunidade (que tem mais de trezentos anos de idade) e do também do PARNA Cabo Orange. Um exemplo foi a descoberta, por acaso, de um documento de excelente qualidade, o levantamento sócio-cultural da Vila Velha do Cassiporé, coordenado por João Batista Ramos Filho e Maria do Perpétuo Socorro Calado Pinheiro, professores de História da Escola Estadual Vila Velha do Cassiporé. (Algumas observações sobre esse resgate histórico da Vila estão no item “g” da presente síntese de trabalho de campo).

38 Portanto, recomenda-se o fortalecimento do projeto como um todo: a integração da rota turística do T. I. entre a Guiana Francesa e o Brasil, por meio do intercâmbio dos recursos humanos e de técnicas e ou / materiais, e o fortalecimento do turismo de base Comunitária. Isso significaria também o aproveitamento de um fluxo de turistas que já existe, por causa da situação geográfica de fronteira do PNCO, dos vôos domésticos da França vindo da Guiana e até do “exotismo” do Brasil aos olhos europeus. Dados da Associação da Hotelaria de Selva da Amazônia Brasileiramostram 65% dos turistas que visitam a região amazônica anualmente são estrangeiros (AHS, 2009). O projeto Tartaruga Imbricata pode vir a ser um incremento significativo na governança ambiental do parque e das comunidades de sua fronteira.

### **Pequenos excertos de entrevistas**

#### **Ivan Vasconcelos – Analista Ambiental do PNCO:**

39 “O Projeto Tartaruga Imbricata é uma experimentação pra implementar o turismo de base comunitária em comunidades ao redor do parque Nacional do Cabo Orange. É uma tentativa de trazer pessoas para conhecer e vivenciar um pouco das comunidades que estão

em volta desse parque, e a gente acredita muito que pro parque dá visibilidade, que dá novos parceiros” (...)“ ..além de ter mais presença institucional, o próprio TI já é uma formação de parcerias, mas a gente pretende que essa parceria aumente inclusive com os parques da Guiana, e com as comunidades da Guiana, pra que a gente consiga fazer com que essa fronteira não barre tanto essa conversa.”assim, não é qualquer turismo, é um turismo diferenciado, e é o que a gente chama de alternativa econômica, a gente acredita que o turismo é uma alternativa econômica”.

#### **Irândi Miranda – Guarda – parque do PNCO:**

40 “Eu penso que esse projeto é muito interessante que ele possa trazer muitos benefícios pra própria comunidade como Vila Velha ou Cunani que é um projeto que o Bruno está querendo fazer chegar até lá, tem um trajeto muito interessante que é uma trilha do Cassiporé ao Cunani, que ta tudo pra acontecer, ainda não aconteceu mas já temos encaminhando pra acontecer, porque esse projeto é muito interessante porque vai trazer muito benefício pra própria comunidade como o cacau, tem muita coisa bonita pra mostrar e pra ser divulgada fora, tanto fora como no Brasil mesmo, e isso é um projeto de turismo, fica tão bonito ser divulgado nacionalmente aqui no Brasil como internacionalmente como já ta acontecendo poxa isso é muito maravilhoso, muito gratificante pra gente aqui dentro da comunidade da Vila Velha, receber vocês aqui, eu nem imagina receber vocês aqui, os franceses, e muita gente que a gente está conhecendo e tendo aquele contato que a gente não tem né, não tinha, já temos agora, isso aí, tem muita coisa bonita, muito jacaré, muito pássaro, muito bicho, muitas coisas que é interessante ver, divulgar, filmar, gravar, fazer filme, conversar com a Kelly, com o pessoal do IBAMA, pra divulgarem,) “eu acho que o projeto pode trazer vários benefícios como comprando o que a gente tem, tentando vender um cacau, licor, chocolate, as barras de cacau, tem vários licores de bebidas, bebidas típicas , e eu acho que o Projeto Tartaruga Imbricata ele já seleciona umas pessoas pra trazer pra comunidade, o turista que vem já sabe que é um projeto de participação, de interesse, de ajudar, de participar com a gente aqui”.

#### **Neide – Professora da escola classe da Vila de Primeiro do Cassiporé:**

41 “É bom está sendo ótimo né porque, é a segunda vez que vocês estão vindo aqui, a primeira vez nós já fizemos a primeira experimentação e pra nós é ótimo, ter conhecido vocês, vocês são bem-vindos, ah eu acho legal porque as crianças ficam bem curiosas pra saber o que vocês querem, qual é o objetivo de vocês aqui, os turistas moram em países de primeiro mundo e lá é tudo limpinho, organizado então eles vêm pra cá e querem que seja assim, eles querem não, é pra eles observarem que o nosso lugar é um lugar pequeno, nós moramos no interior mas também somos pessoas bem educadas, assim que nós passamos pra eles, bom pra eles, considerando o lugar que eles vêm eu fico achando que eles acham tudo muito estranho, pra você ter um exemplo, eles vêm a escola, a estrutura da escola como é a estrutura da escola, é um lugar carente, e eles se comovem com isso, com a situação, vêem as crianças, como as crianças são..”

**Jocilene Silva, Diretora da Escola Estadual Vila Velha do Cassiporé:**

42 “Poxa, isso é muito importante pra comunidade né, porque pelo fato de ser Vila Velha é velha mesmo, Vila Velha é desde 19..1676 se não me engano, uma data aproximada, é uma comunidade muito esquecida, tanto pelo poder público quanto por todos, e aqui a gente não tem quase benefícios, só a dificuldade de se chegar aqui, a gente como educador a gente trabalha aqui porque gosta, né, e muitas vezes a gente tá pagando pra trabalhar, e não sendo pago pra trabalhar aqui, e isso é muito importante pra comunidade de Vila Velha que ela seja reconhecida, quem sabe não vai trazer coisas boas pra cá, e é esse o objetivo do projeto né, do projeto quelônios, e a gente quer um turismo consciente porque a gente quer como foi repassado o objetivo do projeto Imbricata é que eles não iriam só passar, é o turismo comunitário, eles não iam só passar, eles iam contribuir com a comunidade, entende, trazer benefícios pra comunidade, não só pra comunidade escolar mas pra comunidade como um todo. Vila Velha é uma comunidade assim esquecida, uma comunidade de difícil acesso, como vocês viram a dificuldade de chegar, é uma comunidade que parou no tempo, não desenvolveu, não progrediu, e tem tanta coisa boa, as pessoas são pessoas receptivas, amigas, e recebem as pessoas com essa receptividade, por isso que é importante, que apesar da gente viver aqui nesse fim de mundo, vamo dizer assim né, mas a gente é feliz, tem toda uma natureza, uma alimentação

saudável, tudo de bom aqui né, como já deu pra vocês perceberem isso, com certeza é isso que a gente quer passar.”

**Raimundo Benedito (Bené) – Cuidador das tartarugas marinhas e tracajás do projeto Quelônios do Cassiporé:**

43 “Eu trato das tracajás, trato dos filhotes..eu nasci e me criei aqui, vivo aqui, desde quando nasci, tô com 53 anos, e quando chega o pessoal e me procura eu vou com eles pra onde eles querem, o que precisam a gente faz, e trabalho agora com o projeto quelônios do Cassiporé, a gente vai buscar os ovos lá no Matupiri, eu venho, encubo, depois pego os filhos, coloco no berçário, depois que coloca no berçário com 50, 55 dias eles saem, a gente coloca no berçário e aí com 4, 5 meses pega do berçário e coloca no rio, rapaz, eu acho muito bom, acho muito bom mesmo, traz as maiores alegrias, e a gente vê novas pessoas, eu acho que eles gostam também da visita que fazem..eu acho muito bom”.

**“Levantamento sócio-cultural de Vila Velha do Cassiporé: resgatando a cultura – um estudo introdutório”, excertos e comentários**

44 A Coordenação da obra é assinada por João Batista Ramos Filho e Maria do Perpétuo Socorro Calado Pinheiro, professores de História da Escola Estadual Vila Velha do Cassiporé. Os alunos da sexta, sétima e oitava série do Sistema Modular de Ensino – SOME, também a assinam.

45 Na introdução do texto, os professores descrevem sobre suas motivações para a escrita deste texto-projeto (já que este também foi apresentado como projeto para a avaliação do segundo módulo do SOME): a valorização da identidade local como um dos verdadeiros sentidos da História, ciência que tem sido associada ao decoro de textos antigos e sem aplicação no presente; relação da história local com a global, onde a primeira não pode substituir a segunda, mas deve complementá-la; a motivação dos alunos ao descobrirem uma “história-viva”, relacionando-a á suas raízes e o resgate de fatos e histórias que ilustram o modo de viver ribeirinho e sua preciosa cultura de pesca e

sobrevivência. “No Amapá a História Local encontra-se totalmente ausente das propostas curriculares do Estado, escamoteando todo o processo de formação social marcado pela presença de várias etnias e povos”. (Ramos Filho e Calado, 2007:1). Dizem ainda os autores:

46 “Que Deus nosso pai proteja e inspire os filhos desta terra a continuarem contando a saga deste povo e suas belas histórias, às vezes esquecidas pelo poder público, mas, que com certeza não passarão pela vida, serão imortalizadas através da História, contados por si próprios que sem dúvida são capazes de contá-los às gerações futuras.” (Ramos Filho e Calado, 2007:2)

47 No resgate da cultura imaterial, professores e alunos procuraram saber a origem, os primeiros habitantes e o tempo de existência da comunidade, para tentar compreender as razões que levaram as primeiras pessoas a fixarem residência em Vila - Velha. No resgate da cultura material, foi reconhecida a importância dos sítios arqueológicos como “documentos históricos essenciais para esclarecer o passado de um povo, incentivando nos alunos o interesse pela preservação de suas raízes históricas e culturais” pg. 3, e a “conscientizar os alunos da importância da não interferência humana nos achados arqueológicos sem os devidos cuidados, visando à preservação dos mesmos para futuras pesquisas científicas” (Pg. 3).

48 Página 6 ..(..) “A Vila Velha do Cassiporé, localizada na margem esquerda do rio Cassiporé, já foi palco de disputas entre nativos (ameríndios) que habitavam a região e aventureiros em busca de riquezas naturais. Hoje a vila é a principal área de ocupação dentro do parque Nacional do Cabo Orange”, e ainda “O campo de futebol Chapéu Virado constitui um dos patrimônios materiais mais importantes, pelo tempo de existência e por se tratar de um dos locais mais frequentados pela população, onde assistem animados jogos. Foi fundado em 28 de abril de 1946, na gestão do então prefeito de Oiapoque, Roque Penafort”.

Bibliographie

HOTELARIA DE SELVA DA AMAZÔNIA - <http://www.hotelariadeselvabrasil.com/>, acesso em dezembro de 2009.

BECKER, B. "Síntese do processo de ocupação da Amazônia: lições do passado e desafios do presente", in Causas e dinâmicas do desmatamento na Amazônia. Brasília, MMA, 2001.

\_\_\_\_\_. Amazônia – Geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

CARNEIRO, M. Camponeses, agricultores e pluriatividade. Rio de Janeiro, UFRRJ, 1998.

HÉRITIER, S. e LASLAZ, L. Les parcs nationaux dans le monde – protection, gestion et développement durable. Paris, Ellipses, 2008.

ISA. «Unidades de Conservação na Amazônia Legal. », <http://www.socioambiental.org>, acesso em setembro de 2009.

LE TOURNEAU, F. « Jusqu'au bout de la forêt? Causes et mécanismes de la déforestation en Amazonie brésilienne », in Mappemonde, n°75 (3-2004), <http://mappemonde.mgm.fr/num3/articles/res04307.html>, acesso em dezembro de 2009.

MILLER, K. Em busca de um novo equilíbrio. Brasília, IBAMA, 1997.

SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo, EDUSP, 2008.

União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN / IUCN): [www.iucn.org](http://www.iucn.org) , acesso em janeiro de 2009.

\_\_\_\_\_[http://www.iucn.org/about/union/commissions/wcpa/wcpa\\_work/wcpa\\_strategic/wcpa\\_science/wcpa\\_categories](http://www.iucn.org/about/union/commissions/wcpa/wcpa_work/wcpa_strategic/wcpa_science/wcpa_categories), acesso em agosto de 2009.

## Notes

1 Veronique Palmieri é francesa, psicóloga e socióloga por formação (DESS em Psicologia e Serviço Social - Aix en Provence, 1988 e Diploma de Sociologia das Organizações - Sciences Po Paris, 1995), começou sua carreira na indústria de armamentos, onde ocupou vários funções no desenvolvimento de Recursos Humanos.

Em 1998 ele criou sua própria estrutura - Iris Partenaire - que opera principalmente no domínio da gestão da mudança; é também treinada em terapia breve e psicanálise.

2 Tradução livre da autora

3 Os recursos de minha participação originam-se do FunBio / PARNA Cabo Orange / Yatoutatou

4 “Se descobrir em terra desconhecida”, tradução livre da autora